

O TEMPO RETRABALHADO

RICOEUR, PAUL TEMPO E NARRATIVA. MARTINS FONTES:
SÃO PAULO, 2011. (VOLUMES 1, 2, 3)

Copyright © 2013
SBPjor / Associação
Brasileira de
Pesquisadores em
Jornalismo

RESENHADO
POR ROGÉRIO BORGES

O debate do jornalismo, não raro, atém-se a questões técnicas ou se dedica a pontos mais imediatos de suas funções, procedimentos e possibilidades tecnológicas. Não obstante o valor inequívoco de tais discussões, é necessário compreender que a reflexão também deve passar pela contemplação de sua filosofia, buscando-se autores de outras áreas ou campos de estudo que contribuam na evolução das abordagens pertinentes à comunicação. Um caso emblemático desse diálogo é a obra Tempo e Narrativa, de Paul Ricoeur, que a Ed. Martins Fontes acaba de reeditar.

No momento em que o debate jornalístico concentra-se nas tecnologias e formatos que primam pelo imediatismo, muitas vezes colocando em xeque mídias tradicionais, essa obra é enriquecedora pela proposta de filosofia do jornalismo que se depreende de seus raciocínios e confrontos teóricos. Seu maior mérito é problematizar assuntos tantas vezes considerados patentes e tácitos. As perguntas que suscita e as repostas que produz fogem da superficialidade e aprofundam temas inquietantes e contestadores, avançando em terrenos frequentemente negligenciados.

A obra, que Paul Ricoeur considera um trabalho complementar a outro de seus livros basilares, A Metáfora Viva, é dividida em três volumes. No primeiro, A Intriga e A Narrativa Histórica, apresenta a proposta ousada do empreendimento, qual seja, a de cogitar que a narrativa é o meio principal para que o humano viva a experiência do tempo. Inicia, assim, um profícuo debate entre duas visões fundamentais

para sua compreensão: a aristotélica e a agostiniana. Algo que se expande em desdobramentos que Ricoeur enumera e conceitua em complexas relações. Primeiramente, ele as identifica com a noção de intriga, principalmente quanto aos motes da literatura e da narrativa histórica.

No segundo volume, *A Configuração do Tempo na Narrativa de Ficção*, Ricoeur analisa os romances *Mrs. Dalloway*, de Virginia Woolf; *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann; e *Em Busca do Tempo Perdido*, de Marcel Proust, para examinar as formas como o tempo é tomado nos discursos, como pode ser transfigurado na ficção e como isso interfere em sua instituição. No terceiro volume, *O Tempo Narrado*, o autor retorna às noções de Aristóteles e Santo Agostinho sobre o tempo, acrescentando contribuições de Kant, Husserl, Heidegger e refutando algumas acepções de Hegel.

O espaço aqui não permite um detalhamento dessas ricas conceituações. O que buscamos enfatizar são, sobretudo, os diálogos entre o “tempo narrado” e o jornalismo que, à sua maneira, molda o tempo, comprimindo-o, estirando-o, transformando-o em uma linearidade compreensível. Lógica que une a ideia de tempo distendido em Agostinho – com a questão da medida do tempo e de sua própria existência como ente – e o tempo em Aristóteles – como elemento fundamental de falar do mundo e nele inscrever a narrativa por meio de processos miméticos e de verossimilhança.

A apreensão do tempo como passado, presente e futuro mostra-se para Ricoeur, a partir de Agostinho, em algo mais amplo que uma medida matemática, configurando-se como uma organização fundamental da vida e de seu relato, na ficção e fora dela. O jornalismo também lida com a vida narrada e tem nos parâmetros temporais um de seus mais importantes pilares, refazendo-o muitas vezes, tornando presente o passado, unindo o futuro ao instante do agora, reavaliando o histórico e retrabalhando o acontecimento, algo que Ricoeur situa na narrativa.

Citando Agostinho, o autor pontua que “é quando o tempo passa que medimos; não o futuro que não é, não o passado que já não é, nem o presente que não tem extensão, mas 'os tempos que passam'. É na própria passagem, no trânsito, que se deve buscar concomitantemente a multiplicidade do presente e seu dilaceramento” (RICOEUR, 2011, v. 1, p. 32). Desse modo, ele lança a noção de triplo presente – aquele que já foi, o que é e o que ainda não se fez –, que, na narrativa, presentificam-se. No jornalismo, algo semelhante ocorre, com o tempo convencional sendo

atropelado pelo teor da mensagem e pelo propósito do enunciado.

Trata-se de uma aporia, com contradições e paradoxos que Ricoeur analisa no primeiro volume de *Tempo e Narrativa* e dá uma solução no terceiro, depois de percorrer dezenas de conceitos associados que ajudam a entender que o tempo também é construção, projeção e conflagração; algo que pode ser visto na abordagem que faz da composição da intriga em Aristóteles, e que também pode ser aferido no discurso jornalístico, em que o mundo narrado precisa ser convincente e resultar no que Barthes chamava de “efeito do real”. Baseando-se no filósofo grego, Ricoeur estabelece outra compreensão ternária, com a tripla mimesis, com o antes, o durante e o depois da configuração poética.

Em processo análogo, o jornalismo manifesta-se e seu discurso se concretiza por caminhos similares, não com finalidades poéticas ou estéticas – ainda que possa explorar essas possibilidades –, mas para se efetivar em sua materialidade informativa. O tempo ganha, assim, uma dimensão narrativa, que Aristóteles, na tragédia clássica, e Ricoeur, em romances do século XX, exploram no campo da ficção, mas que funciona, dentro de um espírito discursivo próximo, também no jornalismo. É por isso que *Tempo e Narrativa* tem muito a dizer à comunicação e seus estudos, fornecendo pistas valiosas para uma compreensão abrangente de como a notícia, o fato narrado, relaciona-se com o tempo.

Ademais, o pensador francês associa outros argumentos teóricos que passam pelas noções de arquivo, documento, vestígio, tão caros aos discursos de verdade, como a História, mas que também poderia ser vinculado ao jornalismo. Um debate pertinente, uma vez que a medida do tempo, ligada a fatos, vestígios, documentos, testemunhos, encontram-se no lastro da comunicação noticiosa. Tal proximidade autoriza pontuar, a partir de *Tempo e Narrativa*, que a construção temporal do discurso noticioso passa por procedimentos que não são pacíficos, mas elaborados com o tempo retrabalhado.

Numa época de produção de conteúdos em ritmos cada vez mais rápidos – em que o tempo é uma variante cuja medida se desdobra e se diferencia na transmissão da informação, sobretudo em mídias digitais, transmissões ao vivo, redes sociais –, essa reflexão é necessária, já que ela ilumina os traçados que se tomam para converter o mundo em algo concebível em parâmetros temporais. Como diz Ricoeur, “narrar já é 'refletir sobre' os acontecimentos narrados” (RICOEUR, 2011, v. 2, p. 103). Talvez o jornalismo precise exercitar mais essa prática.

REFERÊNCIAS

- MANN, Thomas. **A montanha mágica**. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 2006.
- PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido** (7 volumes). Globo: São Paulo, 2008.
- RICOUER, Paul. **A metáfora viva**. Loyola: Rio de Janeiro, 2000.
- _____. **Tempo e narrativa: A intriga e a narrativa histórica**. v. 1. Martins Fontes: São Paulo, 2011.
- _____. **Tempo e narrativa: A configuração do tempo na narrativa de ficção**.v.2. Martins Fontes: São Paulo, 2011.
- _____. **Tempo e narrativa: O tempo narrado**. v.3. Martins Fontes: São Paulo, 2011.
- WOOLF, Virginia. **Mrs. Dalloway**. Cosac Naify: São Paulo, 2012.

Rogério Borges é jornalista graduado pela Universidade Federal de Goiás (UFG), mestre em Estudos Literários e Linguística pela Faculdade de Letras da UFG e doutor em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Repórter e cronista do jornal O Popular, de Goiânia, e professor da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás). Co-autor do livro Caminhos da Reportagem – O Jornalismo e Seus Bastidores (Cânone Editorial), ao lado de Deire Assis e Vinicius Sassine. E-mail: rogeriopereiraborges@hotmail.com